

*6 Con. Brasil* 30 DEZ 1991

Segunda-feira, 30 de dezembro de 1991

UOL GLC

# Capital e trabalho se unem contra a crise

MARIZA CAVALCANTI

SÃO PAULO — Líderes sindicais e patronais confirmam: o desespero gerado pela crise econômica está levando à costura de saídas conjuntas entre trabalhadores e empresários, mesmo estando os protagonistas em lados opostos e tendo opiniões divergentes.

Embora desconfiados entre si, os articuladores dos encontros que pipocaram nas últimas semanas pretendem se reunir na primeira semana de janeiro para preparar uma grande manifestação contra a recessão em 25 de janeiro, dia da fundação da cidade de São Paulo. Nas moldes da vigília promovida no último dia 13 pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, o evento deverá incluir debates sobre a situação do país.

Todos estão assustados, por exemplo, com o forte aumento do desemprego — de janeiro a novembro, a indústria paulista cortou 135.338 postos, ou 7,2% da sua força-de-trabalho. Em 1980, havia 2,1 milhões de empregados; hoje, não passam de 1,8 milhão, apesar do crescimento da população, o que indica a gravidade da crise, por representar São Paulo cerca de 40% do PIB do país.

Ainda faltam propostas concretas, mas empresários e sindicalistas estão conseguindo avançar em protestos conjuntos contra o Governo, ou mesmo tentar encontrar caminhos para resolver os problemas do país. Pano-de-fundo para estas propostas, além do desemprego, são os números que mostram forte aumento no volume de concordatas e falências requeridas nos últimos meses. Até novembro, eram



Vicentinho: desespero leva à união

5.871, superando de longe os 2.172 do mesmo período do ano passado. As concordatas requeridas saltaram de 144 para 162.

Através de fóruns, reuniões e até uma noite de vigília, como a que foi organizada há dez dias pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, todos reconhecem que só a crise, bastante grave, foi capaz de despertar forças do capital e trabalho do marasmo dos interesses corporativos e abrir oportunidades para a busca de um consenso sobre como amenizar os efeitos da recessão, que não tem conseguido dar resultados, pelo menos no curto prazo, no combate à inflação — no acumulado dos últimos 12 meses, o índice da Fipe está em 425,88%.

O desespero está unindo pessoas com papéis totalmente diversos — testemunha Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho,

presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

Um setor que sempre observou à distância a queda-de-braço entre empresariado e sindicalistas também abriu caminho para a conversa: os representantes do Governo. O governador Luiz Antônio Fleury lançou em maio o Fórum Paulista de Desenvolvimento, que abriga inúmeros segmentos do setor privado, para formular políticas regionais de combate à recessão, "para encontrar saídas para a crise", como diz Ruy Altenfelder, diretor geral do Instituto Roberto Simonsen, da Fiesp, e coordenador de um dos 13 grupos de trabalho do fórum.

Foi criado até um banco para articular e coordenar o financiamento de projetos de desenvolvimento regional — como a criação de um pólo industrial de autopeças no Vale do Paraíba e a construção de um porto alternativo ao de Santos entre esta cidade e Cubatão — tendo os empresários como principais acionistas, através da compra de cotas.

— Eu participei da primeira reunião a pedido do governador, mas estava incrédulo. Hoje, estou completamente ciente quanto às possibilidades do Fórum — afirma Altenfelder, que reserva algumas horas diárias para estudar sugestões.

● ARGENTINA — O Ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo, afirmou ontem que o país já está incluído no Plano Brady, de redução da dívida externa. Cavallo assegurou também que a inflação argentina deverá ficar em torno de 7% em 1992.